

Cem anos de punição

Pesquisadora mostra que a construção da imagem do jovem “perigoso” está ligada ao passado escravocrata

Pivete, trombadinha, moleque de rua. São classificações usadas para apontar crianças e adolescentes pobres. Certamente esse tratamento colabora para que sejam vistos com medo pelo resto da população. E é esse medo que muitas vezes leva as pessoas a pedir medidas punitivas mais rigorosas ou até mesmo a redução da ida-de penal.

Para Esther Maria A- rantes, coordenadora do pro- grama de Cidadania e Direi- tos Humanos da Universida- de do Estado do Rio de Ja- neiro, as raízes desse pensa- mento estão ainda no passa- do escravocrata do País. É essa explicação que ela apresenta numa pesquisa que mostra como se constituiu esse per- fil.

Ela se fundamenta na história para explicar que, enquanto durou a escravidão no Brasil, os que eram vistos como fonte de problemas à ordem social eram os chama- dos “sem eira nem beira” (mendigos, desclassificados e vadios), que não tinham lu- gar na estrutura daquela so- ciedade.

Com a abolição, juntou- se a eles a massa de ex-escra- vos, que também passava a ser vista como trabalhadores su- balternos ou classe perigosa. “Hoje quem acha que os “pivetes” têm que ser presos é porque não conhece o coti- diano dessas crianças, geral- mente subordinadas a situa- ções de extrema crueldade, pobreza e sofrimento físico e mental”, afirma a pesquisa- dora.

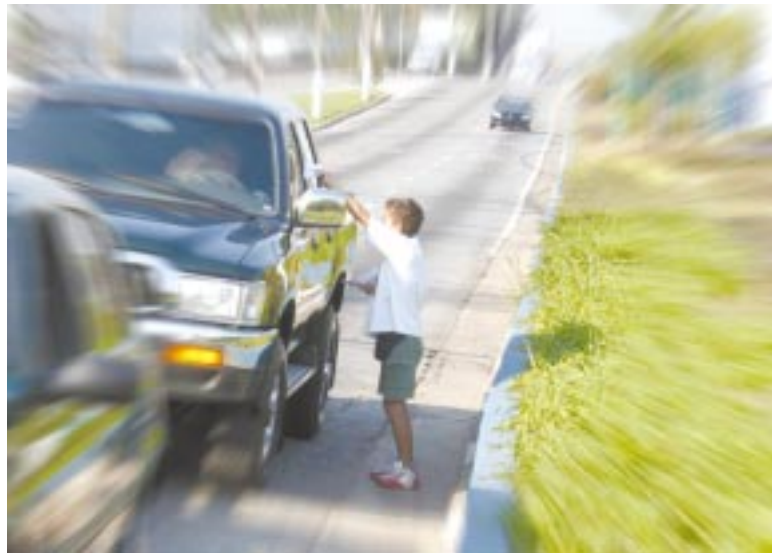


Imagem equivocada do jovem é um ato de discriminação

Mídia dá tratamento desigual

Os jornais denomi- nam de maneira diferente os jovens, de acordo com sua condição social, segun- do a professora de Análise do Discurso da Universida- de Federal Fluminense (UFF), Maria Claudia Maia.

Ela selecionou reporta- gens de *O Globo* e *Jornal do Brasil*, e verificou as diferen- ças entre a nomeação do ado- lescente da Zona Sul do Rio de Janeiro (região rica) e dos

outros moradores das favelas ou da Zona Norte.

Maria Claudia dá alguns exemplos: “Jovens de classe média, pitboys, jovens do Leblon; de outro, em todas as reportagens, os adolescentes foram chamados de menor, simplesmente, ou, menor in- frator”.

A pesquisa denuncia outros aspectos. As reporta- gens de *O Globo* sobre os ado- lescentes da Zona Sul quase sempre vêm acompanhadas

da referência de território dos garotos, ou seja, no pró- prio título são utilizados os termos da classe média: do Leblon ou de Copacabana, por exemplo.

Os jovens de classe média ou algum membro da família geralmente são ouvidos nas reportagens. Isso não se verifica com re- lação aos jovens da perife- ria, e o termo “menor” é en- contrado quase cotidianamente nos jornais.

Amazônia retratada com a boca e os pés

A Associação dos Pin- tores com a Boca e os Pés (APBP) promove a partir do dia 5 de setembro a exposi- ção *Pintores na Amazônia*, com mais de 50 obras que têm como tema aquela re- gião.

Durante a abertura da mostra, no dia 5, estarão presentes quatro artistas, que realizarão demonstra- ções de pintura, inclusive Eliana Zagui, pintora com a boca cujas obras foram mostradas recentemente pela *Tribuna Cidadania*. A artista vive há vários anos no Hospital das Clínicas de São Paulo.

O endereço da mostra é Cultural Apsen, Casa da Fazenda do Morumbi (Ave- nida Morumbi, 5.594), em São Paulo. A exposição pros- segue até 27 de setembro.

Últimas Vagas
(Informática)
Profissionalizante / Web Design
RS 29,00
Faça sua matrícula para o curso de Informática no Sindicato
Seja um profissional qualificado,
Curso Profissionalizante: (Windows Xp, Word Xp, Power Point Xp, Excel Xp, Novas Tecnologias e Internet).
Curso Web Design: (Photoshop, HTML, Dreamweaver, JavaScript, Flash, Corel Draw). Mensalidade: para sócios **R\$ 29,00** e para não sócios **R\$ 39,00** e o material didático é parcelado em duas vezes de **R\$ 28,00**. Vários dias e horários de aula. As aulas são realizadas na **Regional Santo André** e na própria escola em São Bernardo.
Faça sua matrícula das 09h00 as 19h00 na Av. Indico, 535 SBC ou na Regional Santo André (R. Senador Flaquer, 813)
Sábado haverá Plantão das 08h30 as 16h30
Informações:
3439-1382 ou 4427-4892
Vagas limitadas
(Venda de Computadores)
Valores Abaixo do mercado

Tribuna Cidadania

Redação: Rua João Basso, 231 - Centro - São Bernardo - CEP: 09721-100 - **Fone:** 4128-4200 - **Fax:** 4127-3244 - **www.smabc.org.br** - **imprensa@smabc.org.br** - **Regional**
Diadema: Av. Encarnação, 290 Piraporiinha. Telefone 4066-6468 - CEP 09960-010 -
Regional Santo André: Rua Senador Flaquer, 813 - Centro. Telefone 4990-3052 - CEP 09010-160 - **Diretor Responsável:** Sergio Nobre - **Repórteres:** Carlos Alberto Balista, Gonzaga do Monte, Maria Angélica Ferrasoli (colaboradora) e Silvio Berengani - **Repórter Fotográfica:** Raquel Camargo - **Arte e Edição:** Edson Luiz dos Santos Carelli - **Editoração Eletrônica:** Eric Gaieta
CTP e Impressão: Simetal ABC - Gráfica e Editora - Fone: 4341-5810
Os anúncios publicados na Tribuna Cidadania são de responsabilidade das próprias empresas.

Suplemento especial
da Tribuna Metalúrgica
Edição n° 12 - Primeira
quinzena de setembro - 2006

Tribuna Cidadania



SOLIDARIEDADE TOTAL PARA A LUTA NA VOLKS

A greve dos trabalhado- res na Volks ganhou apoio nacional e divulgação mun- dial. O presidente da CUT Nacional, Artur Henrique, está conversando com sindi- catos do Brasil inteiro para promover atos de apoio à mo- bilização dos companheiros de São Bernardo.

O primeiro acontece no próximo dia 6, quando have- rá panfletagem diante de concessionárias da VW em todo o País e entrega de do- cumento explicando à popu- lação os reflexos negativos da irresponsabilidade social da montadora alemã.

O presidente da Força Sindical, João Carlos Gonçal- ves, o *Juruna*, que participou ontem da assembléia, confir- mou presença na panfle- tagem do dia 6. “Estamos dan- do todo apoio ao movimento. Pode haver uma reação em cadeia, também com reflexos negativos nas autopeças”.

“Viemos aqui dar nossa solidariedade para que a mo- ral dos trabalhadores conti- nue alta. É preciso enfrentar a chantagem da empresa”, disse Antonio Netto, presi- dente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil, que também esteve na assembléia.

Já o Sindicato dos Meta- lúrgicos do Rio de Janeiro encaminhou nota onde afir-



ma: “Saudamos a disposição dos companheiros na Volks e da diretoria do Sindicato que buscaram o caminho da res-istência e da luta frente a uma medida covarde que mais uma vez penaliza os tra- balhadores”.

A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) res- salta: “Estamos indignados com esse tipo de demissão em massa, sendo que a indústria automobilística está em pleno desenvolvimento em nosso País”.

Continua na página 3.

Também manifestaram apoio:

- Metalúrgicos de Guarulhos
- Trabalhadores em Processamento de Dados do Rio Grande do Sul
- Federação Nacional dos Carteiros
- Metalúrgicos de Ouro Preto
- Servidores públicos de Três Pontas (MG)
- Associação dos Secretários Municipais de Esporte e Lazer de São Paulo
- Federação dos Frentistas
- Trabalhadores em Alimentação de São Paulo
- Câmara de Vereadores de Diadema
- Câmara de Vereadores de São Bernardo
- Professora doutora Ana Lúcia Moura Novais
- Bancários de São Paulo
- Químicos do ABC
- Metalúrgicos de São Paulo
- Comerciantes de São Paulo
- Metalúrgicos de Ponta Grossa (PR)
- Servidores Municipais de São José dos Campos
- Metalúrgicos de Sorocaba
- Sindicato dos Trabalhadores em Água e Esgoto de São Paulo
- Associação dos Professores das Universidades Públicas
- Rosiver Pavam, presidente da Fundacentro

Tribuna Cidadania tem boa avaliação

Representantes de vários segmentos e leitores das versões em Braille e ampliada destacaram a importância do projeto pioneiro iniciado pelo Sindicato

Foi positiva a avaliação dos primeiros cinco meses de circulação da *Tribuna Cida- dania*, publicação que inte- gra projeto de comunicação inclusiva, pioneiro no Brasil, desenvolvido pelo Sindicato.

A análise ocorreu du- rante seminário realizado no último dia 25 no Celso Daniel, e veio de sindicalistas, representantes de entidades e leitores, inclusive aqueles que só têm acesso às versões em Braille ou à destinada a pes- soas com baixa visão. “A primeira vez em que vi a versão em Braille foi uma revelação do que é de verdade o con- ceito de cidadania. Pensei: se falo várias línguas, por que não sei ler em Braille? Eu cres- ci com esse projeto, no meu conhecimento e no meu co-



Seminário sobre comunicação inclusiva das comissões temáticas

ração”, apontou Terry La- pinsky, a representante da AFL-CIO, central norte- americana patrocinadora do projeto.

Além dos sindicalistas a avaliação levou para o deba- te outros segmentos interes- sados na inclusão, como o delegado da DRT de São Pau- lo, Márcio Chaves Pires; João Martins Lima, da Central Pú-

blica de Trabalho e Renda; Mário Barbosa, pelo Minis- tério do Trabalho e Empre- go, e José Barbosa, da área de comunicação da Petrobras. Todos destacaram a impor- tância do projeto e da publi- cação do Sindicato.

Conteúdo

“A Tribuna Cidadania nos traz informações básicas que não nos chegam por ou-

tras publicações. E não é só a opção da leitura, é principal- mente o objetivo: abordar a parte social, a política, denun- ciar as falhas ou o desinteresse dos órgãos competentes”, apontou Edson Luiz dos Santos Carelli, leitor da *Tribuna Cidadania* na versão Braille.

Como ele, Célia Apare- cida dos Santos, também de- ficiente visual, destacou a ri- queza de informações que en- contra. “Se já não podemos ler, muito menos encontramos jornais voltados para a pessoa com deficiência”, destacou.

Já Cláudia, que tem ape- nas 10% da visão, destacou a importância do jornal com caracteres ampliados. “Faz a diferença; para todos que têm o mesmo problema que eu é de grande ajuda”, afirmou.

Grito dos Excluídos 2006 destaca força da indignação

Movimentos social e sindical preparam protestos e celebrações que vão atingir vários estados do País no próximo 7 de Setembro. A manifestação, que chega ao 12º ano, denuncia todas as formas de exclusão e faz críticas à atual política econômica. *Página 2*

Da indignação à transformação

Grito dos Excluídos reforça participação popular como elemento essencial para as mudanças no Brasil

Representantes do movimento social, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Movimento sem Terra e Central Única dos Trabalhadores, entre outras entidades, começam a organizar a 12ª edição do Grito dos Excluídos, atividade nacional que neste ano traz como tema o poder da mudança, com o slogan *Brasil: na força da indignação, sementes de transformação*.

Realizado sempre no 7 de Setembro, o Grito lembra que a independência do País ainda não resultou numa nação livre e igualitária. “As atividades estão compostas por protestos, caminhadas, celebrações, gestos simbólicos, blocos em desfiles oficiais e tantas outras que nos últimos anos têm envolvido mais de 1,5 milhão de pessoas em todas as regiões do Brasil”, aponta Luciane Udovic, secretária continental da manifestação.

As principais concentrações são Belo Horizonte, Fortaleza, Salvador, Porto Alegre e São Paulo, em especial a cidade de Aparecida (SP), na qual o Grito já chegou a reunir 120 mil participantes.

Força da ação

Para Luciane, embora a esperança tenha vencido o medo, com a eleição de Lula em 2002, ainda há muito por que gritar. “Precisamos continuar a denunciar todas as formas de exclusão e as causas que levam o nosso povo a viver em condições de vida



Grito dos Excluídos no Ipiranga, São Paulo, em 2005: protesto nacional chega ao 12º ano

precárias”, avalia, destacando a necessidade de mudanças na política econômica.

Ela lembra ainda que,

justamente por se tratar de ano eleitoral, em que chovem promessas, é preciso mostrar a força da ação neste 2006. “É

preciso continuar arregaçando as mangas para construir o Brasil que queremos. Vamos fazer desta semana da Pátria

uma semana de cidadania e protagonismo popular, exigindo um basta à corrupção e à impunidade”, reforça.

Soberania e fortalecimento popular

Em artigo para a agência de notícias Adital, Frei Betto também lembra que o que torna especial o Grito deste ano é a proximidade das eleições, com a chance de renovação do Congresso Nacional e a recondução de parlamentares que se destacaram pela ética e coerência política.

“Porém não se trata apenas de dar continuidade ao governo Lula, cuja

política externa realçou a soberania brasileira, assim como as políticas socioeconômicas reduziram a inflação e, com efeito, o preço dos alimentos, e aumentaram o valor do salário mínimo, o número de empregos com carteira assinada e promovem distribuição de renda aos mais pobres através do Bolsa Família”, ressalva.

Para ele, “a questão de fundo é fortale

cer os movimentos sociais. Daí a pertinência do tema do Grito. Não basta mobilizar-se pelas eleições; é preciso lançar sementes de transformação”, relata.

Frei Betto lembra que para operar mudanças estruturais são necessárias organização e mobilização da sociedade civil “tanto para pressionar o governo e os donos do dinheiro quanto para ocupar instâncias de poder”.

Salário da mulher está 75 anos atrás do rendimento masculino

Apesar da participação feminina no mercado de trabalho ter aumentado, as diferenças salariais continuam marcantes. Nos últimos 10 anos diminuiu a discrepância salarial, mas, a continuar no mesmo ritmo, seriam necessários 75 anos para eliminar a desigualdade salarial entre homens e mulheres no país.

Esta é a conclusão de pesquisa do economista Antonio Marcos Ambrozio, do BNDES, tendo como base

números do Ministério do Trabalho.

Segundo ele, os salários reais médios entre 1996 e 2005 foram de R\$ 614,00 para os homens e R\$ 556,00 para as mulheres. A diferença, de R\$ 58,00 chegou a ser de R\$ 68,00 entre 1996/1999. Ambrozio avalia que se a diferença salarial continuar caindo nesse ritmo serão necessários 75 anos para os salários de homens e mulheres se igualarem.



Trabalhadores fazem manifestação pela PLR

Diante disso os trabalhadores fizeram o protesto e continuarão em luta, o que derru

ba os resultados da pesquisa interna sobre satisfação do trabalhador com a empresa.

Greve na Volks

Mais um dia sem produção

A produção da Volks continuou totalmente parada durante todo o dia de ontem e mais 940 carros deixaram de ser produzidos.

Na assembléia conjunta realizada à tarde os trabalhadores decidiram não modificar a tática da greve e vão continuar parados cada um em sua área.

De acordo com a Comissão de Fábrica, supervisores tentaram por duas vezes furar a greve na estamparia, durante a noite de ontem, mas a pressão da campanha impediu a ação.

Outra assembléia

O coordenador da Comissão, Valdir Freire, o *Chalita*, disse que a orientação é ficar parado até segunda-feira, quando haverá nova assembléia à tarde.

Ele disse que a falta de produção na Anchieta já começou a afetar as fábricas em



Na assembléia de ontem, os trabalhadores decidiram que vão manter a produção toda parada

Taubaté e São José dos Pinhais. Chalita lembrou que os trabalhadores devem seguir as orientações do Sindicato e da Comissão de Fábrica.

Disse também que o pessoal não deve dar atenção aos encaminhamentos contrários às decisões da assembléias que aparecem em discursos nas áreas ou em boletins.

Feijóo quer negociação séria

O presidente do Sindicato, José Lopez Feijóo, desafiou a Volks a iniciar um processo de negociação sério, sem a imposição de demissões e perda de direitos.

“Nossa proposta é que

a Volks invista aqui na Anchieta, traga produtos e mantenha a fábrica aberta”, disse. Ele acredita que é possível construir um acordo que atenda as duas partes. (Leia artigo abaixo).

Volkswagen: momento de impasse

■ José Lopez Feijóo

Negociação. Esta tem sido a meta batalhada pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC ao longo dos anos, principalmente a partir do final dos anos 80, quando se desenhou um novo cenário de competitividade industrial. Nem sempre a via para a negociação é fácil. Às vezes, para ela ser conquistada é preciso resistência e muita luta na forma de greves (em seus diversos tipos) e até de gigantescas passeatas. Mas, depois de tudo isso, a negociação é efetivada. E para ela acontecer é preciso garantir equilíbrio entre as duas partes. Esta é a fórmula de sucesso nas modernas relações capital-trabalho.

Não faltam exemplos da habilidade de negociação por parte do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Os acordos da Câmara Setorial do Complexo Automotivo, de 1992 e 1993, foram frutos de nossa capacidade de organização e intervenção nos fóruns tripartites, tendo como realidade a abertura indiscriminada à entrada de produtos importados, a estagnação no consumo e os riscos do desemprego em massa. Entre os muitos resultados positivos destes acordos, podemos destacar a retomada da produção e da venda de veículos - elevadas a um patamar de 1.074.000 unidades anuais, em 1992, para 2 milhões em 1993 - e a consequente elevação da arrecadação dos tributos. O pontapé inicial para a fabricação de carros populares também foi dado a partir da conclusão destes acordos que permitiram ainda a recuperação do poder de compra dos trabalhadores, cuja renda aumentou 20%. Não podemos esquecer a conquista da manutenção dos empregos durante este período.

No final do ano passado, ocorreu outra negociação bem-sucedida, que durou cinco anos e foi materializada no acordo fechado na Ford do ABC. Graças a ele ficou garantida a produção de um novo veículo que vai possibilitar não só a manutenção dos 4.400

postos de trabalho como a criação de outros diretos e indiretos. Esta postura dos Metalúrgicos do ABC em buscar a via da negociação para as mudanças necessárias ou pretendidas pelas empresas tem, na prática, dado às fábricas instaladas na região um diferencial competitivo e seguro, com acordos que vão da redução da jornada à reorganização do tempo de trabalho, à implantação de novas formas de organização da produção, do trabalho e da gestão. Os acordos de participação nos lucros e resultados e as lutas por melhores salários têm injetado cifras significativas na economia do ABCD, que é o terceiro maior pólo consumidor do Brasil.

Com a própria Volkswagen este Sindicato negociou no passado. Em 98, o setor automobilístico estava mergulhado em uma crise que culminou com a queda das vendas em 40%. A multinacional alemã anunciou que estava com um excedente de 6.500 trabalhadores. Em negociação com o Sindicato, foi construído um acordo de estabilidade de emprego, até junho de 2001, que gerou benefícios e sacrifícios para a empresa e para o trabalhador. Este teve o posto de trabalho garantido, mas teve que aceitar o banco de horas (no lugar do pagamento das horas extras até um certo número de horas trabalhadas) e o início da Semana Volkswagen (redução da jornada em função da diminuição da demanda do mercado, o que implica na diminuição do valor da participação nos lucros e resultados).

No final de 2001, nova crise. Em outubro daquele ano, a empresa demitiu 3.075 trabalhadores. Depois de esgotadas as possibilidades de negociação no Brasil, o presidente do Sindicato à época, Luiz Marinho, foi à Alemanha e construiu um acordo de estabilidade de emprego com duração de cinco anos (até 21 de novembro deste ano), que incluía a garantia de novos investimentos na fábrica de São Bernardo.

As demissões foram revertidas e, em 2002, foi concluída a negociação para a produção do Fox exportação para Europa com produção integral na fábrica da Anchieta (acordo que a empresa não respeitou porque passou a fazer parte da produção no Paraná). O acordo de estabilidade incluía benefícios e sacrifícios para todos os envolvidos. Em maio deste ano, nova surpresa. A Volkswagen anunciou a intenção de demitir quase seis mil trabalhadores em três das cinco fábricas no Brasil - intenção repetida em outros países onde ela tem fábrica, já que o plano faz parte de uma reestruturação produtiva mundial. No Brasil, a Volks divulgou ainda que pretende diminuir uma série de direitos (redução de salários, horas extras gratuitas e outras mais). O Sindicato se reuniu durante 26 horas com a empresa e apresentou uma contraproposta para cada ponto defendido por ela. Todas foram rejeitadas. Para piorar a situação, na última semana, a Volks deu o seguinte ultimato ao trabalhador: ou ele aceitaria 3.600 demissões e o corte de direitos ou a empresa poderia demitir 6.100 empregados e até fechar a fábrica. Mais uma vez, Sindicato e trabalhadores optaram pela negociação. Desta vez, foram 33 horas de conversas que se revelaram improdutivas.

A empresa insiste no processo de demissão anunciado e no corte de direitos, o que impossibilita a construção de um acordo equilibrado. Tal intransigência pode significar a perda de trabalho para mais de 106 mil trabalhadores, levando-se em conta toda a cadeia produtiva. Com tudo isso, a Volkswagen pode ser responsável por retirar da economia quase 4,8 bilhões de reais. Mas o Sindicato não perde a esperança. E mesmo neste momento de luta está aberto a um verdadeiro processo de negociação.

**Artigo publicado na Folha de S. Paulo, edição de quinta-feira, 31 de agosto*

Fábricas de Taubaté e do Paraná são afetadas

Os quatro dias de greve dos trabalhadores na Anchieta já refletem em outras plantas.

Hoje não haverá produção nas fábricas da Volks de Taubaté e de São José dos Pinhais (PR) por falta de peças feitas aqui no ABC.

Da Anchieta saem peças estampadas para São José e para Taubaté, são peças estampadas e câmbio.

A fábrica também anunciou ontem que colocará todos os trabalhadores da produção nessas duas plantas em coletivas a partir do dia 18.

Nas duas unidades, 3.500 carros deixarão de ser produzidos com as folgas. Somando com os carros que deixaram de ser feitos na Anchieta, a Volks deixou de fabricar mais de 7 mil carros.